



**FUNDAÇÃO PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS DE TEÓFILO OTONI
CURSO DE PSICOLOGIA**

**IGOR MINÉ MOREIRA
STELLA MOREIRA MARQUES**

**CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DA FALTA DE APOIO FAMILIAR PARA
PESSOAS LGBTQIA+:**

Os impactos da não aceitação da orientação sexual pela família

**TEÓFILO OTONI
2021**

**IGOR MINÉ MOREIRA
STELLA MOREIRA MARQUES**

**CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DA FALTA DE APOIO FAMILIAR PARA
PESSOAS LGBTQIA+:
Os impactos da não aceitação da orientação sexual pela família**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Carlos Renato de Oliveira Faria

**TEÓFILO OTONI
2021**

Igor Miné Moreira
Stella Moreira Marques

**CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DA FALTA DE APOIO FAMILIAR PARA
PESSOAS LGBTQIA+:**

Os impactos da não aceitação da orientação sexual pela família

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Psicologia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Carlos Renato de Oliveira Faria

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof. Avaliador 1

Prof. Avaliador 2

Prof. Avaliador 3

**CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DA FALTA DE APOIO FAMILIAR PARA
PESSOAS LGBTQIA+:**

Os impactos da não aceitação da orientação sexual pela família

**PSYCHOSOCIAL CONSEQUENCES OF THE LACK OF FAMILY SUPPORT TO
LGBTQIA+ PEOPLE:**

The impacts of non-acceptance of sexual orientation by the family

Igor Miné Moreira

Graduando do curso de Psicologia da Alfa Unipac, igormine@hotmail.com

Stella Moreira Marques

Graduanda do curso de Psicologia da Alfa Unipac, stellaammarques@gmail.com

Carlos Renato de Oliveira Faria

Psicólogo clínico, Mestre, Pós-graduado em Psicanálise, Psicologia Hospitalar, Neuropsicologia e NeuroMarketing, Psicologia Clínica Humanista-Existencial e Docente da Faculdade Alfa Unipac de Teófilo Otoni-MG, Brasil, crofpsi@gmail.com

Resumo

Este trabalho busca discutir sobre os aspectos psicossociais existentes no que se refere à ausência de suporte familiar para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo e Assexuais, a chamada comunidade LGBTQIA+, com enfoque na revelação da orientação sexual, e como esse fator repercute na saúde mental dos mesmos. Ao se descobrirem com comportamentos distintos daqueles vistos como normais, os jovens LGBTQIA+ podem passar por situações de violência, que se ligam à padrões dominantes na sociedade e são praticadas de diversos modos e até mesmo no ambiente em que esperavam acolhimento, o núcleo familiar. O objetivo desse trabalho é refletir e analisar de que modo podem se constituir situações de LGBTQIA+Fobia no âmbito de relações familiares vividas por indivíduos LGBTQIA+, bem como quais consequências essas situações trazem para a constituição psíquica e autoestima dos mesmos. Para alcançar tal escopo, o presente trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica, que inclui revisão de literatura, de natureza qualitativa quanto à abordagem do problema e descritiva no que concerne aos objetivos do estudo relacionado à investigação. A partir de um estudo de um caso clínico busca-se identificar de que modo a violência praticada pela família liga-se à revelação ou ocultação da orientação sexual nesse contexto, bem como a influência disso na formação de personalidade. O trabalho, bem como o seu eixo norteador, faz-se pertinente não somente para uma compreensão acadêmica-científica, mas também

social e singularmente relevante, tendo em vista que os impactos de uma não-aceitação são profundos, crônicos e complexos.

Palavras-chave: LGBTQIA+; Orientação Sexual; Violência; Família; Heteronormatividade.

Abstract

This paper seeks to discuss the existing psychosocial aspects regarding the lack of family support for Lesbians, Gays, Bisexuals, Transsexuals, Queer, Intersex and Asexuals, the so-called LGBTQIA+ community, focusing on the disclosure of sexual orientation, and how this factor affects their mental health. When they discover themselves with different behaviors from those seen as normal, young LGBTQIA+ can go through situations of violence, which are linked to dominant patterns in society and are practiced in different ways and even in the environment in which they expected to be welcomed, the family nucleus. The objective of this work is to reflect and analyze how LGBTQIA+Phobia situations can be constituted in the context of family relationships experienced by LGBTQIA+ individuals, as well as what consequences these situations bring to their psychic constitution and self-esteem. The present work was carried out through a literature review, qualitative in terms of approach to the problem and descriptive in terms of the objectives of the study related to the investigation. Based on a study of a clinical case, we seek to identify how the violence practiced by the family is linked to the disclosure or concealment of sexual orientation in this context, as well as the influence of this on personality formation. The work, as well as its guiding axis, is relevant not only for an academic-scientific understanding, but also socially and uniquely relevant, considering that the impacts of non-acceptance are profound, chronic and complex.

Keywords: LGBTQIA+; Sexual Orientation; Violence; Family; Heteronormativity.

1. Introdução

É de comum percepção que o afeto perpassa todos os vínculos que o sujeito visa e constrói ao longo da vida, quando se tem uma rede de cuidado, proteção e segurança até mesmo os problemas mais intensos podem ser vistos por uma perspectiva de incentivo e apoio ao indivíduo. Nesse sentido, o presente trabalho tem o intuito de retratar o quanto a constituição psíquica de indivíduos LGBTQIA+ pode ser afetada a partir da falta de apoio familiar causada pela revelação da orientação sexual.

Sabe-se que o ambiente familiar se configura como o primeiro núcleo socializador a qual o ser humano tem acesso, considerado como um espaço psicossocial de acolhimento, segurança, aprendizagem de regras e normas, possuindo grande espaço na constituição dos indivíduos. Quando se pensa na relação familiar, comumente se imagina um contexto de segurança, aceitação, cuidado,

pertencimento, proteção e afeto, porém, numa perspectiva de revelação da orientação sexual à família, muitos indivíduos não recebem tal acolhimento que usualmente é esperado, encontrando, na verdade, um ambiente violento e intolerante.

O ambiente familiar ao invés de ser um centro de suporte acaba influenciando o indivíduo a ter uma visão negativa de sua própria orientação sexual, aprendendo a homofobia, seja no sentido de serem atores, seja no sentido de serem vítimas da mesma. A partir disso, a família começa a criar punições para ter certo tipo de controle sob seus comportamentos, sendo esses graus variados de exclusão ou formas de desrespeito podendo chegar até mesmo em ataques brutais que marcam a vida da pessoa LGBTQIA+ de diversas maneiras e aspectos (SCHULMAN, 2011).

A violência recebida ultrapassa o contexto intrafamiliar. Muitas vezes os pais tentam proteger seus filhos de um preconceito que vem de fora, porém dirigem ataques cruéis aos mesmos. A agressão cometida ganha inúmeras formas, podendo ser verbal, física ou psicológica, com vários tipos de ofensas que podem marcar para sempre a vida do indivíduo.

Diante desse cenário, a pessoa LGBTQIA+ começa a introjetar as violências que recebe como se fossem verdade, tentando se adequar às mesmas e camuflando sua própria vontade e realidade. Esse comportamento se generaliza para além do âmbito familiar, uma vez que o esperado é um comportamento heteronormativo, pois segundo Seidman et al. (1999), é impossível fugir de sentimentos ambíguos em relação à homossexualidade em uma sociedade que projeta o comportamento heteronormativo como sendo o natural e ideal.

Tais comportamentos vistos como ideais e esperados pela sociedade também exercem forte influência no processo de aceitação pelo núcleo familiar, uma vez que o mesmo, através de regras, ensinamentos e medidas educativas, influencia diretamente na constituição psíquica, bem como no modo como o indivíduo se comporta. Desse modo, torna-se inegável a participação da família na constituição do sujeito como um todo.

No caso de adolescentes e jovens LGBTQIA+, a autoaceitação, a construção da autoestima e da auto-confiança, a organização psíquica e subjetiva, sofrem grande influência a partir da maneira como seu grupo familiar reage à orientação sexual desses indivíduos e impõe regras em relação à esse fator, podendo ainda haver um agravante de reações caso haja uma extrema religiosidade na família, fazendo-os optarem ou forçando-os a permanecerem se escondendo “no armário”.

Em vista disso, levanta-se a pergunta-problema que norteará esta pesquisa: Quais as questões que influenciam na falta de apoio por parte da família e quais os impactos psíquicos decorrentes da não aceitação/acolhimento familiar da orientação sexual das pessoas LGBTQIA+? Com isso, tem-se como objetivos descrever como a falta de apoio familiar é capaz de influenciar a realidade psíquica de pessoas LGBTQIA+, identificar as variáveis que interferem no processo de aceitação familiar das pessoas LGBTQIA+, identificar os impactos psicológicos decorrentes da não aceitação da orientação sexual dos indivíduos LGBTQIA+ por parte do núcleo familiar, analisar as dificuldades vivenciadas para as pessoas permanecerem “no armário” e possível interferência da religiosidade dominante nesse processo de não revelação e/ou não aceitação.

A presente pesquisa se justifica com base no fato de o Brasil ser o país que mais mata LGBTQIA+ no mundo, aprofundando na questão do apoio familiar. Nesse sentido, a proposta é fazer uma reflexão sobre as consequências psicossociais da falta de apoio familiar para pessoas LGBTQIA+ e como isso pode ser causa de marginalização dessa classe, enfatizando a questão a partir da orientação sexual.

2. Metodologia

O presente trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão da literatura, de cunho qualitativo quanto à abordagem do problema e descritiva em relação aos objetivos do estudo relacionada à investigação acerca das consequências da falta de apoio familiar para pessoas LGBTQIA+. Para tanto, foram utilizados livros, periódicos, artigos, sites da Internet entre outras fontes. Quanto aos artigos, estes serão datados em relação aos últimos dez anos, que corroboram os anos de 2011 a 2021, salvo os clássicos como Rogers e Durkheim (1972). Para a pesquisa utilizou-se as seguintes palavras-chaves: LGBTQIA+; orientação sexual; violência; família; heteronormatividade.

3. Revisão de literatura

3.1 Heteronormatividade: a violência sofrida pelos jovens LGBTQIA+

De acordo com Miskolci (2009, apud BRAGA; DOS SANTOS; FARIAS; FERRIANI; SILVA, 2018), a estrutura social e comportamentos sexuais que geram

preconceitos e atos discriminatórios se fundamentam no dualismo da orientação heterossexual versus homossexual, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, a torna compulsória. Esse dispositivo é a heteronormatividade: conjunto de prescrições sociais que vão fundamentar os processos de regulação e controle da manifestação da sexualidade, de modo que todas as pessoas, heterossexuais ou não, pautem suas vidas conforme o modelo da heterossexualidade, mantendo a linearidade de seu sexo e gênero.

Segundo Durkheim (1972, p. 3), “o fato social é reconhecível pelo poder de coerção externa que exerce ou é suscetível de exercer sobre os indivíduos [...]”. É possível afirmar, então, que a heteronormatividade se caracteriza como um fato social, uma vez que exerce controle sobre os comportamentos e tende a subordinar os indivíduos à uma regra externa ao que realmente praticam e acreditam.

Desse modo, qualquer tipo de comportamento ou orientação que se afaste do padrão heteronormativo se torna passível de punições e ofensas. Esse padrão acaba se caracterizando como um fator inquestionável e visto como o correto a ser seguido por uma parcela da sociedade. Esse tipo de regra afeta diretamente adolescentes e jovens que se enquadram em uma orientação sexual distinta, estando mais vulneráveis portanto à agressões, preconceitos e discriminações.

O indivíduo ao perceber-se diferente do comportamento heteronormativo, acaba passando por um momento de compreensão de sua real identidade e orientação e uma contradição entre o comportamento e expectativas que se possui em relação à ele, nesse sentido, a revelação sexual e até o próprio entendimento da mesma pelo indivíduo se torna um verdadeiro desafio, pois há uma ambiguidade entre silêncio e necessidade de revelação em relação aos grupos à que pertence.

Segundo Costa, Bandeira & Nardi (2015, apud BRAGA; DOS SANTOS; FARIAS; FERRIANI; SILVA, 2018), o heterossexismo é a manifestação de preconceito arraigada nas estruturas sociais, nas instituições e nas relações de poder, dificultando o acesso e garantia de direitos da população LGBTQIA+. Assim, sujeitos educados a partir desses padrões, com atitudes ou crenças que os reforçam, podem ter atitudes de preconceito contra a diversidade sexual. Inclusive indivíduos LGBTQIA+ criados em ambientes em que esse padrão é aceito como absoluto podem ser influenciados à desenvolver uma visão negativa em relação à sua orientação sexual, o que interfere no modo como se percebem e se mostram ao mundo, muitas vezes reproduzindo as violências vistas na família para outros semelhantes e negando totalmente em si tal

característica. Sendo assim, esse heterossexismo tão enraizado na nossa cultura exerce influência não apenas na realidade externa da pessoa como também na interna, o que acaba reforçando o padrão aceito a partir dessa distorção do que realmente são.

É importante enfatizar que as regras que estabelecem que os comportamentos do indivíduo devem estar alinhados ao seu gênero, existem e incidem sobre o indivíduo e o espaço que o cerca antes mesmo de seu nascimento e começam a exercer influência sobre o mesmo desde os primeiros anos de vida. A partir desses padrões se originam comportamentos “corretos” para o homem e a mulher e que designam como os mesmos devem agir, sentir, vestir, ou seja, a partir disso decide-se o que é esperado ou não para os gêneros.

Quando ainda criança, o indivíduo passa por diversas dificuldades e obstáculos, que Rogers caracteriza como sendo normal ao desenvolvimento. Ela é levada a aprender regras para o seu próprio bem, mas que no futuro podem se tornar pontos inibidores da personalidade (SCARTEZINE, ROCHA, PIRES, 2013 apud FADMAN E FRAGER, 1986).

A autoimagem de um indivíduo passa por aquilo que ele entende e percebe de si e também é influenciada a partir de valores, regras, conceitos vindos de outros grupos incluindo aqueles em que convive. Nesse sentido, os padrões perpetuados na sociedade exercem um papel direto no modo como a pessoa se enxerga. Muitas vezes há um choque entre aquilo que o indivíduo percebe em relação ao que é e entre os comportamentos que se esperam para ele de acordo com os padrões existentes, corroborando em uma perspectiva negativa para o indivíduo.

Segundo Rogers (1991, p. 221), se os padrões externos conceitualizam aquilo que o indivíduo é como algo ruim, então a pessoa nega e não toma consciência dessa parte de si. Nesse sentido, pode ocorrer a criação de uma fachada que é elaborada como uma forma de seguir os critérios vigentes, mas que na verdade acaba negando a existência em si.

Além da negação de si, ocorre uma tentativa de sustentar uma vivência que aparentemente segue as noções daquilo que é pregado no senso comum como correto, mas que na verdade inclui uma gama de contradições e negociações em relação à visibilidade e desejos. O dispositivo que mantém essa experiência é conhecido como “armário” e a partir dele ocorre a preservação do silêncio em relação ao real comportamento sexual do indivíduo.

Assim, como forma de se manterem “protegidos” em uma sociedade que os persegue, criminaliza e busca “endireitar” os comportamentos subversivos, os homossexuais procuram então uma proteção na invisibilidade de suas sexualidades, não sendo essa, porém, uma escolha livre de sofrimento pessoal (SILVA, BARBOSA, 2016, p. 134 apud MOTT, 2002).

A escolha pela permanência no armário é feita ao colocar em questão os ganhos e perdas que serão acarretados pela atitude de se abrir à sociedade, levando em consideração que na maioria dos casos as perdas são mais comuns e podem levar desde a expulsão de casa pelos familiares e até mesmo a morte. Sendo assim, não se é exigido apenas coragem ou capacidade da pessoa para sair do armário [...]? Segundo Saggese (2008, p.2), conforme citado por Silva e Barbosa (2016, p. 137) “antes de tudo, é um processo que envolve uma série de negociações de ordem simbólica e prática, podendo ocorrer em diversas etapas, e talvez nunca completamente”.

Mesmo após se assumir, o indivíduo tende a permanecer dentro do armário em alguns âmbitos, seja no trabalho, na escola ou em instituições religiosas, nas quais se prega a heteronormatividade como algo correto e absoluto provindo de Deus e a homossexualidade como algo pecaminoso, tendo essa grande influência sobre outras instituições que usam seus conceitos como forma de justificar métodos e atitudes que marginalizam indivíduos LGBTQIA+ e perpetuam a homofobia tanto de maneira ativa e direta como através do silêncio.

Segundo Silva e Barbosa (2016), o silêncio é uma resposta não verbal que corrobora com o discurso dominante, nesse caso, a heteronormatividade, pois fortalece a manutenção da história. Perante um ato homofóbico, o silêncio não apenas corrobora com esse sistema, mas também legitima a perpetuação da ação homofóbica

3.2 A influência do acolhimento familiar para a constituição psíquica

De acordo com Batista & Teodoro (2012), a família tem como função básica a educação e socialização do indivíduo, sendo importante na determinação e constituição do sujeito como um todo. Além disso, tem forte influência no afeto e comportamento individual por meio de ações, medidas educativas e das regras instituídas no âmbito familiar, que inegavelmente exercem influência no indivíduo durante a vida toda (apud BARRETO; RABELO, 2015).

Dessa forma, o modo como a pessoa se percebe e percebe sua orientação liga-se também aos inúmeros tipos de violências que sofre tanto no âmbito intrafamiliar quanto nos grupos que ultrapassam esse ambiente. A reação agressiva tanto por partes dos familiares quanto por parte dos grupos pode estar relacionada à incapacidade de lidar com o tema da sexualidade e à falta de informação sobre o mesmo, fazendo com que a família leve em conta visões religiosas e políticas. Além disso, essas questões aliam-se às expectativas que os pais colocam em cima dos filhos em relação a um projeto de vida, incluindo sonhos que são projeções dos próprios pais, como a construção de uma família que siga o padrão heteronormativo.

A violência intrafamiliar se constitui em um preocupante problema de saúde pública, relativa às consequências físicas e psicológicas suscitadas nas vítimas a longo prazo. Estudos no âmbito da saúde apontam que, em curto prazo, indivíduos sujeitados à violência tendem a desenvolver problemas como depressão, agressividade, ansiedade e dificuldades de convívio social e nas crianças e adolescentes, dificuldade de aprendizado (JACINTO, NUNES, FARIA, 2020, p. 100 apud SCHEK et al, 2018)

Muitos pais sabem da violência existente no mundo externo à família em relação a esse grupo, mas acabam cometendo o mesmo com os filhos, pois acreditam que os privando de serem congruentes com quem realmente são os impedirão desse sofrimento, porém agindo dessa maneira causam um impacto semelhante ao causado pela discriminação proveniente da sociedade, acrescido da dor de não ser aceito por aqueles que deveriam lhe passar segurança.

Sabe-se que quando um indivíduo se situa em um ambiente que é favorável e que facilita seus comportamentos ele tende a agir de maneira autêntica, o que contribui para que ele seja congruente com o seu verdadeiro eu e quando convive em condições que não proporcionam esse ambiente facilitador esses fatores podem estagnar a noção do indivíduo sobre si mesmo, o distanciando de seu verdadeiro eu.

Segundo Rogers (1977), todo indivíduo é impulsionado por uma tendência que possibilita o desenvolvimento das potencialidades favorecendo sua atualização e sua conservação (apud MOREIRA, Camila M.; GERMANO, Idilva M. P.; MOURA JR. James F. M., 2009). O ambiente facilitador, bem como a consideração positiva por aqueles que cercam o indivíduo, favorecem a tendência atualizante do mesmo, contribuindo para uma percepção mais positiva de si e, em contrapartida, quando não ocorre um acolhimento como o relatado, o que se observa é a imposição de padrões mais aceitos socialmente e mais desejados, porém que se afastam da experiência e

do que o mesmo quer para si. É como se a fluência do "eu" só ocorresse se algumas condições estiverem presentes no seu contexto de vida.

Todos possuem uma necessidade de afeto, que, segundo Rogers (1961), é denominada como consideração positiva e está presente em todas as relações existentes. A consideração positiva incondicional se liga a um acolhimento e funcionamento completo do indivíduo sem a existência de incongruências, o que denota um desenvolvimento mais saudável e autêntico.

Quando não há um acolhimento, existe a consideração positiva condicional que vincula o afeto á obediência de determinadas condições, logo o autoconceito do indivíduo se liga a essas exigências e não ao que o indivíduo considera como correto ou às suas experiências. Nesse caso, existe punição devido ao comportamento não seguir as condições exigidas e além disso o afeto dos pais não permanece.

Quando um indivíduo só recebe afeto e aceitação ao se comportar de um modo específico, seguindo um padrão e conforme o esperado pelo outro, a esse comportamento Rogers (1961) atribui o termo condições de valor. Quanto mais o relacionamento familiar se baseia nessas condições, menos o indivíduo terá liberdade para ser quem se é, sua autoestima e o autoconceito serão ameaçados, bem como o mesmo pode apresentar sintomas físicos e psíquicos decorrente dessa questão.

3.3 Além da constituição psíquica: a marginalização dos LGBTQIA+

Diferentemente daqueles que agridem na rua, cuja identidade geralmente não é lembrada pela vítima, os que agridem em casa são as principais referências assumidas por esses jovens, que procuram na família um porto seguro e amor incondicional e acabam encontrando silêncio como forma de negação e falta de apoio. Esse tipo de violência atinge psicologicamente suas vítimas tanto pela dor causada pela agressão quanto pelo fato de possuírem um elo com o agressor (SOLIVA; BATISTA, 2014).

Nesse contexto, é comum que hajam ações típicas de uma homofobia latente e silenciosa por parte dos pais e da família; as ações não são diretas, mas envolvem os mais variados tipos de agressões e a interdição de comportamentos que os familiares acreditam que têm ligação com a orientação sexual, como controle em relação a grupos e vínculos afetivos que os jovens possuem e a suas atitudes fora de casa. Além dessa limitação imposta pelos familiares, os mesmos mantêm a ideia não

só de que todo esse comportamento e aquilo que os jovens são está errado, mas também que deve ser algo mantido em segredo.

Na tentativa de descobrir seu próprio eu, o indivíduo tipicamente utiliza a relação para explorar, examinar os vários aspectos de sua experiência, para reconhecer e enfrentar as contradições profundas que freqüentemente descobre. Aprende quanto do seu comportamento, até mesmo dos sentimentos que vivencia, não é real, não sendo algo que flui das reações genuínas de seu organismo, mas sim constitui uma fachada, uma frente, atrás da qual está se escondendo. Descobre o quanto sua vida é guiada por aquilo que pensa que ele deveria ser, e não por aquilo que é. Freqüentemente descobre que ele só existe em resposta às exigências dos outros, que parece não ter nenhum eu próprio, e que está somente tentando pensar, e sentir e se comportar de acordo com a maneira que os outros acreditam que deva pensar, e sentir e se comportar (ROGERS, Carl, 1969, p. 125).

Esconder quem realmente se é se torna um hábito comum entre jovens LGBTQIA+, pois o modo como ele se identifica é negado e silenciado pela maioria que o cerca, os mesmos então se alinham conforme as expectativas e as regras vigentes o que camufla suas reais vontades. Tanto o organismo quanto o self possuem tendências atualizantes: quanto mais alinhadas as mesmas estiverem, mais atuam de forma positiva para ambos. Quanto mais as tendências atualizantes de self e organismo divergirem, mais conflito haverá, pois atuam de formas contrárias e as significações são baseadas em influência de outros e não do próprio organismo.

Logo, há um receio constante e uma ambiguidade na vivência psicossocial do jovem entre uma possível vivência plena daquilo que realmente é e uma possível ruptura com a família devido à sua orientação. Toledo (2013) constatou que a possibilidade de cortar relações com a família é um dos eventos mais deprimentes e estressantes entre os homossexuais no seu processo de descoberta e aceitação relacionado a sexualidade, assim como no momento de revelação de suas preferências não enquadradas na heteronormatividade (apud SANTANA, et al. 2018).

“O isolamento social, fruto da ausência de suporte, da não-aceitação, da vergonha e do medo, entre outros fatores, fazem com que as pessoas sobrevivam à margem e em silêncio.” (NEVES, 2019, p. 2). O silêncio referido serve como uma forma de esquiva dos ataques que vivencia, uma maneira de se manter em paz, de reflexão em relação a si mesmo ou muitas vezes pode significar um modo de julgamento interno e uma vivência de vergonha em relação à própria experiência e de sua pessoa, influenciado pelos julgamentos que recebe.

Desse modo, os indivíduos LGBTQIA+ têm mais risco de desenvolver sintomas

depressivos e ansiosos, podendo inclusive tentar o ato de suicídio. Alguns são expulsos ou fogem de casa por não serem aceitos, vivendo em situações precárias. Segundo Medeiros, Amorim e Nobre (2020), as pessoas LGBTQIA+ nessa condição, têm a rua como uma saída para a situação de violência doméstica enfrentada e encontram nela formas de afirmação, reinvenção de suas vidas e construção de novos territórios materiais e existenciais, sendo inegável que os vários tipos de violência perduram e até mesmo se intensificam.

Segundo a primeira pesquisa censitária sobre a população em situação de rua que incluiu variáveis sobre a população LGBT (São Paulo, 2015), as pessoas que se identificam como LGBT em situação de rua tendem a ser mais jovens e exercer atividades marginalizadas (como mendicância, venda de drogas e roubos): são 27% da população LGBT e 5% da heterossexual (os dois grupos analisados são LGBTs e heterossexuais, porém não foi feita nenhuma referência a identidades de gênero trans e cis, apesar de o grupo trans estar incluso na população LGBT). A prostituição é a atividade que guarda a maior diferença: enquanto é exercida por 20% da população LGBT, esse percentual é de 1% no grupo heterossexual, que encontra outras possibilidades de trabalho e renda nas ruas. Há também um percentual assustador de abuso/violência sexual, que chega a 25% na população LGBT, contra 3% no grupo autodeclarado heterossexual.

Através dos fatos apresentados e de todo o cenário de violência sofrido pelos indivíduos LGBTQIA+, fica claro que apesar de toda violência física sofrida pelos mesmos, a que mais ocorre é a psicológica, sendo um importante estressor social que resulta em impactos extremamente negativos em sua saúde mental e qualidade de vida, aumentando quase seis vezes as ocorrências de quadros depressivos segundo Ryan et al. (2009 apud ALBUQUERQUE et al., 2016) que segundo Cardoso e Ferro (2012 apud ALBUQUERQUE et al., 2016) acompanha desdobramentos como: sentimento de culpa, medo, desconfiança, insegurança, ansiedade, isolamento social, dificuldades de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, distúrbios alimentares e uso/ abuso de substâncias psicoativas, entre outros.

Com o intuito de ilustrar o sofrimento e as consequências existentes na vivência de indivíduos LGBTQIA+ que são alvos de preconceito tanto interno quanto de outros indivíduos, incluindo sua família, traz-se um paralelo entre os dados aqui descritos e um caso clínico já publicado em artigo, o qual relata a vivência de um homem, gay não assumido para a sociedade, de 33 anos, solteiro, universitário e que reside no Rio de Janeiro capital.

O paciente relata que desde os sete anos de idade possuía questões sobre a

sexualidade; tinha interesse por atividades que envolvessem o universo artístico como pinturas e desenho, o que o distanciava de atividades tipicamente tidas como preferências masculinas, como futebol e brincadeira de lutas. Além disso, já se sentia atraído fisicamente por meninos e se questionava se algum dia iria gostar de meninas. Esses pensamentos lhe geravam muita ansiedade, o que o deixava em constante estado de alerta; para diminuir as chances de ser percebido com gostos diferentes, eventualmente participava de brincadeiras com os meninos, mesmo sem gostar (ALVES et al., 2017).

As regras instituídas pela heteronormatividade servem como um conjunto de práticas que limitam o indivíduo e o enquadram em uma categoria, inferiorizando qualquer expressão de si que vá contra esses padrões, acarretando um autoconceito negativo e uma tentativa de encaixe a tais regras. É importante ressaltar que segundo Siva e Barbosa (2016) desde o nascimento do indivíduo há uma regulação das formas de expressões corporais existindo preceitos que estabelecem o que o homem e a mulher podem ou não fazer/ser/agir.

O paciente, mesmo realizando atividades que não gostava autenticamente para não sofrer bullying, não conseguiu evitar, sendo atacado por colegas na adolescência por gostar de coisas diferentes, além de frequentemente presenciar discriminação a seu amigo que possuía traços afeminados. Também evitava sair de casa para não correr riscos de rejeição, o que justifica suas poucas amizades, e desenvolveu alto nível de desconfiança das intenções das pessoas no geral. (ALVES et al., 2017).

O paciente retratado conviveu não só com a homofobia diretamente praticada a ele e a outros amigos, mas também com a homofobia internalizada, de modo que o próprio indivíduo acabou introjetando esses preconceitos e tentou agir e demonstrar que se comportava de outro modo, como uma forma de diminuir os preconceitos sofridos. Além de ter relatado que recorria ao uso de cocaína como forma de alívio emocional.

Segundo Miskolci (2005, apud GRAUPE e LINS, 2018), a masculinidade se constroi em oposição a homossexualidade, o que gera uma violência simbólica a esse grupo. Garotos já são concebidos com ideais heterossexuais pelos pais e quando nascem são ensinados a ser homens e se afastar de tudo que é relacionado ao feminino, mesmo antes de possuírem noção de gênero. Crianças homossexuais criadas nesse ideal tendem a rejeitar em si esses pensamentos e comportamentos para não serem rejeitados.

Em relação ao contexto familiar, o paciente cresceu em família evangélica, constituída por mãe, pai e duas irmãs. Seus pais não eram afetuosos e não desenvolviam diálogo ou davam suporte ao filho para o mesmo lidar com possíveis resoluções de problemas, alegando que por ser homem ele não necessitava de amparo. Além disso, sua mãe e seus parentes criticavam o seu modo de falar e agir, e o mesmo ouvia comentários homofóbicos de familiares próximos, o que aumentava e justificava o medo de ser rejeitado (ALVES et al., 2017).

Desse modo, é inegável a influência da família na constituição do indivíduo, e a partir dela a pessoa introjeta padrões, comportamentos desejados e regras que exercem forte impacto no autoconceito e autoestima. Uma vez que o paciente encontrava essas críticas no contexto familiar e pelo histórico do mesmo de bullying e discriminações no ambiente escolar, havia um receio ainda maior de encontrar as mesmas atitudes ou piores vindas de outros ambientes.

Após falar para a sua família nuclear que era gay, percebeu mudança de postura por parte da mãe em relação a ele. Ela teria passado a ficar mais tempo fora de casa e não fazia nenhuma tarefa doméstica para o filho, o que não acontecia com as outras irmãs. Além disso, tornaram-se constantes os conflitos verbais onde ela afirmava que “ele era uma vergonha”, “indigno de receber as bênçãos de Deus”, “que as pessoas comentavam sobre o seu comportamento”, dentre outros. (ALVES et al., 2017, p. 14).

Segundo Mott (2002, apud SILVA e BARBOSA, 2016), enquanto em outras situações a família constitui o principal grupo de apoio ao enfrentamento da discriminação praticada pela sociedade global, na grande maioria das vezes, no caso de pessoas LGBTQIA+, é no próprio lar onde a intolerância e a opressão ocorrem com mais força. Observando-se nesse caso específico falas preconceituosas de cunho religioso por parte de sua mãe, que utiliza de seus conceitos para praticar uma homofobia religiosa com base nos ideais heteronormativos pregados pela bíblia.

Na esperança de sanar essa situação, passou a se relacionar com mulheres, adotando uma conduta heterossexual, além de fazer coisas que agradavam os padrões ideais da sua família. Logo percebeu que a mãe e uma das irmãs voltaram a tratá-lo melhor. Porém, não conseguiu sustentar essa situação e voltou atrás, afirmando a sua homossexualidade. Em resposta, sua família tornou a rejeitá-lo e os conflitos recomeçaram. (ALVES et al., 2017, p. 14).

Quando agia conforme aquilo que realmente era, o paciente não recebia apoio da família, mas no momento em que ele seguiu uma conduta heterossexual foi rapidamente aceito pelos mesmos. Esse comportamento denota que a aceitação, na

realidade, esteve ligada a quanto o indivíduo se apresentava ou agia seguindo determinados ideais e condições impostas por seu núcleo família, ou seja, a aceitação não seguia uma consideração positiva condicional, se pautando em valores e se distanciando de uma aceitação legítima. Assim que o paciente interrompeu os comportamentos que agradavam seus familiares, a rejeição retornou e, desse modo, conclui-se que ocorreu na realidade uma falsa aceitação, pois não houve uma consideração do indivíduo como um todo, a partir do modo como se enxergava e se identificava.

Nota-se que todo o preconceito sofrido pelo paciente, tanto em outros ambientes quanto no âmbito familiar, se apresentaram de modos distintos mas culminaram diretamente no modo como o mesmo se percebe e como se apresenta ao próximo, silenciando uma parte de si como forma de proteção á possíveis ataques, apresentando afastamento social. Segundo Alves et al. (2017) essas estratégias de evitação e hipervigilância se tornaram mecanismos de prevenção a situações potencialmente ameaçadoras, o que culminou na dificuldade de confiar nas pessoas e reduziu seu círculo social e sua rede de apoio, o que aumentou a sensação de solidão e carência.

Alves et al. (2017) após sessões de terapia com o paciente, cita as consequências causadas pelo seu histórico de vida, com enfoque na falta de apoio familiar e os preconceitos sofridos por possuir traços considerados femininos, entre as consequências citadas estão: fortalecimento do medo da rejeição e de ansiedade, solidão e carência, fortalecimento das crenças de defectividade e de vulnerabilidade, sentimento de fraqueza, se sentir deprimido e fuga ou evitação do ambiente familiar.

O distanciamento em relação ao conexto familiar se justifica devido a todos os ataques homofóbicos que sofreu nesse contexto, em que naturalmente espera-se acolhimento. Um ambiente facilitador iria auxiliar o indivíduo no autoconceito, bem como de sua orientação sexual, fazendo com que o mesmo obtivesse uma visão mais real de si e vivenciando uma consideração incondicional positiva por parte de seus familiares. Rogers (1961) diz que a forma mais profunda de desespero é escolher ser outra pessoa que não a si mesmo e que ser quem realmente se é, constitui o oposto do desespero, e que essa escolha constitui a mais profunda responsabilidade do homem.

4. Considerações finais

A partir dos estudos de artigos e textos utilizados para a realização deste trabalho, é possível compreender que certas consequências da revelação da orientação sexual se relacionam principalmente em como essa questão é percebida e retratada no âmbito familiar. Sendo o mesmo um ambiente onde usualmente se espera encontrar apoio incondicional e proteção, o que na maioria das vezes não ocorre para as pessoas LGBTQIA+ por simplesmente serem congruentes consigo mesmos.

A revelação da orientação sexual tanto para si quanto para os outros se configura como uma situação muito delicada por si só, porém, quando não se encontra um ambiente facilitador e de apoio para conseguir lidar com possíveis adversidades, os indivíduos LGBTQIA+ podem passar por situações que prejudicam vários âmbitos do seu desenvolvimento, já que a família é um importantíssimo fator socializador na vida de todos. Por esse motivo, dentre outros, esses indivíduos podem acabar marginalizados ou vivendo uma vida incoerente, desconexa.

Atualmente, ocorre uma maior repercussão sobre o assunto, mas apesar disso, ainda não há uma aceitação legítima do grupo LGBTQIA+, devido ao padrão heteronormativo que ainda é repassado como sendo a única forma de se viver uma vida “digna”, sendo fortemente pregado por instituições, como as religiosas, que consideram pecaminoso tudo que foge do seu padrão. Sendo o Brasil um país fortemente regido por padrões religiosos, tradicionalistas e por um extremismo cada dia mais evidente, acaba ocorrendo a perpetuação do mecanismo do “armário”, onde as pessoas do grupo LGBTQIA+ tendem a invisibilizar a si mesmos e a sua orientação sexual se não de forma total, parcialmente em alguns ambientes como no trabalho, nas instituições religiosas, escolas, universidades, dentre outros.

Refletir acerca de todo o preconceito e diferentes formas de violência sofridas pelos indivíduos LGBTQIA+ no contexto familiar é de extrema importância, uma vez que, como exposto no estudo de caso relatado, ao sofrerem ataques LGBTQIA+fóbicos cotidianamente no ambiente em que mais esperavam apoio, os indivíduos tem sua constituição psíquica afetada diretamente, uma vez que introjetam o preconceito sofrido como uma característica de si e os aceita como se fossem verdadeiros.

Em suma, analisar e discutir as consequências psíquicas no grupo LGBTQIA+ é de extrema importância pois ainda é grande a quantidade de pessoas com

depressão ou que cometem suicídio dentro desse grupo. Considerando a falta de apoio familiar, bem como a escassez de apoio a essa causa em relação a sociedade como um todo, são necessários debates que englobem maneiras para que esses indivíduos encontrem grupos em que possam se inserir e se sentirem amparados para ser quem realmente são, sem julgamentos e preceitos criados pela sociedade através da heteronormatividade ditada durante anos.

A partir da realização dessa revisão bibliográfica, foi possível a percepção da necessidade de mais pesquisas em relação às consequências psicossociais da revelação da orientação sexual no contexto familiar, principalmente no que se refere à abordagem de temas como a religião que podem acentuar a violência recebida nesse âmbito, sendo um tema que gera muita polêmica e de difícil discussão por conta das instituições predominantemente preconceituosas.

Referências

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar et al. Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Saúde em Debate**, v.40, p. 100-111, Rio de Janeiro, 2016.

ALVES, Raquel Ávila Kepler et al. Alterando crenças centrais: um relato de caso de homofobia internalizada. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 13, n. 1, p. 12-19, 2017.

BARRETO, Maria José; RABELO, Aline Andrade. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando famílias**, v. 19, n. 2, p. 34-42, 2015.

BRAGA, Iara Falleiros et al. As múltiplas faces e máscaras da heteronormatividade. **Saúde e Sociedade**, v. 9, n. 1, p. 052-067, 2018.

BRAGA, Iara Falleiros et al. Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1220-1227, 2018.

DA SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de religião**, v. 30, n. 3, p. 129-154, 2016.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**, 1961.

FERREIRA, Sidnei. A educação como fato social: uma análise sobre o

pensamento pedagógico de Durkheim. **Revista educação**, [S. l.], v. 6, p. 1-17, 2011.

GRAUPE, Mareli Eliane; DE LINS, Cleci Terezinha Lima. Gênero e diversidade sexual: homofobia no contexto escolar. **Educação**, v. 43, n. 1, p. 141-156, 2018

JACINTO, Gabriela Garcia; NUNES, Raquel Nascimento; DE FARIA, Margareth Veríssimo. Violência Intrafamiliar em contextos brasileiros. **Revista Raízes no Direito**, Anápolis, 2020.

MEDEIROS, Lis Paiva de; AMORIM, Ana Karenina de Melo Arraes; NOBRE, Maria Teresa. Narrativas LGBT de pessoas em situação de rua: repensando identidades, normas e abjeções. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 1, p. 1-16, abr. 2020 .

MAIA, Camila Moreira; GERMANO, Idilva Maria Pires; MOURA JR, James Ferreira. Um diálogo sobre o conceito de self entre a abordagem centrada na pessoa e psicologia narrativa. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 33-54, nov. 2009

MATOS, Victor Chagas; DE LARA, Erick Baptista Amaral. D724 Dossiê LGBT+ 2018 / orgs, **Rio de Janeiro: RioSegurança**. Rio de Janeiro, 2018.

DE MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira. A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). **Psicologado**, ed. 5, 2013.

NASCIMENTO, Geysa Cristina Marcelino; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A Revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura científica. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 26, n. 3, p. 1527-1541, set. 2018.

NEVES, Ana Sofia. A intervenção profissional junto de vítimas de violência doméstica LGBT. **Psicologia & Sociedade**, v. 31, Belo Horizonte, 2019.

SCARTEZINI, Luma Guirado; ROCHA, Ana Carolina Raad; PIRES, V. da S. A necessidade de autoestima em Carl Rogers. **Revista FAEF**, v. 16, 2013.

SCHÜTZ, Daiana Meregalli; ITAQUI, Luciara Gervasio. O silêncio na psicoterapia aluz da abordagem centrada na pessoa. **Revista do NUFEN**, v. 8, n. 1, p. 76-90, Belém, 2016.

SOLIVA, Thiago Barcelos. Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. **Fazendo Gênero**, v. 9, 2010.

SOLIVA, Thiago Barcelos; SILVA JUNIOR, João Batista da. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, n. 17, p. 124-148, 2014.

Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni

FICHA DE ACOMPANHAMENTO INDIVIDUAL DE ORIENTAÇÃO DE TCC

Atividade: Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo/Monografia.

Curso: Psicologia **Período:** 10 ° **Semestre:** 2° **Ano:** 2021

Professor (a): Carlos Renato de Oliveira Faria

Acadêmicos: Igor Miné Moreira e Stella Moreira Marques

Tema: CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS DA FALTA DE APOIO FAMILIAR PARA PESSOAS LGBTQIA+: Os impactos da não aceitação da orientação sexual pela família

Data(s) do(s) atendimento(s)	Horário(s)	Assinatura do aluno
08/05/2021	15:00	Igor Miné Moreira
12/06/2021	14:00	Igor Miné Moreira
25/08/2021	15:00	Igor Miné Moreira

Descrição das orientações:

Considerando a concordância com o trabalho realizado sob minha orientação, **AUTORIZO O DEPÓSITO** do Trabalho de Conclusão de Curso do(a) Acadêmico(a): **IGOR MINÉ MOREIRA e STELLA MOREIRA MARQUES**



Assinatura do Professor

Resumo

[0,44%] efdeportes.com/efd92/laz...

[0,06%] lgbtqia.ucdavis.edu/educ...

[0,04%] especiais.gazetadopovo.c...

[0,03%] teofilootoni.mg.leg.br/elia...

[0,02%] formpl.us/blog/descriptive...

[0,01%] engage.youth.gov/resour...

[0,01%] scholar.google.com/citatio...

[0,01%] tariffnumber.com/info/abb...

Arquivo de entrada: TCC - IGOR E STELLA CERTOO.docx (6126 termos)

Arquivo encontrado	Qtd. de termos	Termos comuns	Similaridade (%)	
efdeportes.com/efd92/lazer.htm	4071	45	0,44	Visualizar
lgbtqia.ucdavis.edu/educated/glossary	5264	7	0,06	Visualizar
especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipi...	4233	5	0,04	Visualizar
teofilootoni.mg.leg.br/elianemoreira	220	2	0,03	Visualizar
formpl.us/blog/descriptive-research	2550	2	0,02	Visualizar
engage.youth.gov/resources/being-ally-lgbt-people	773	1	0,01	Visualizar
scholar.google.com/citations?user=13LiueJAAAAJ&hl=en	721	1	0,01	Visualizar
tariffnumber.com/info/abbreviations/1199	215	1	0,01	Visualizar

Arquivos com problema de download

<https://exploringyourmind.com/the-value-of-recognition>

Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). HTTP response code: 308 - ArquivoBaixadoVazio

<https://www.jusbrasil.com.br/processos/nome/59880383/vidracaria-teofilo-otoni-ltda-me>

Não foi possível baixar o arquivo. É recomendável baixar o arquivo manualmente e realizar a análise em conluio (Um contra todos). - Erro: Parece que o documento não existe ou não pode ser acessado. HTTP response code: 403 - Server returned HTTP response code: 403 for URL:

<https://www.jusbrasil.com.br/processos/nome/59880383/vidracaria-teofilo-otoni-ltda-me>

Similaridade = termos comuns / termos distintos.